



A TÃO DIFÍCIL ARTE DE LER OU DO MUNDO COMO TEXTO

Rogério de Almeida (USP)
Louis José Pacheco de Oliveira (UNISA)

RESUMO: Neste artigo tecemos reflexões sobre a relação entre leitura de mundo e leitura literária, numa paisagem pós-moderna, em que os valores, as narrativas e as organizações se descentralizam, desordenam-se e passam a responder às intimações do jogo. Com referencial teórico pautado em autores que discutem o pós-moderno e metodologia ensaísta de tradição filosófica, o objetivo é apontar, de um lado, como a literatura transita, aparece e submerge na paisagem contemporânea e, de outro, como a leitura, enquanto prática compreensiva e interpretativa, realiza-se em outros espaços.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, contemporaneidade, literatura, filosofia

THE SO DIFFICULT ART OF READING OR THE WORLD AS TEXT

ABSTRACT: This paper reflects on the relationship between the reading of the world and literary reading, in a postmodern scenario, wherein values, narratives and organizations become decentered and respond to demands from the game. Based on a theoretical framework from authors who discuss the postmodern, and with an essayist methodology, our goal is, on one hand, to present how literature moves, appears and immerses in the contemporary scenario; on the other, we aim to discuss how reading as a comprehensive and interpretative practice takes place in other spaces.

KEYWORDS: reading, contemporaneity, literature, philosophy



Introdução

A leitura do mundo é sempre difícil, mais ainda em tempos como os nossos, em que a paisagem se altera, torna-se turva diante de nossas vistas e nos exige outras lentes, outra razão, para situá-la. Assim, o entendimento do mundo é o resultado de uma forma de leitura desse mesmo mundo. Inicialmente, de uma leitura involuntária, sugestão de dispositivos, no sentido dado por Agamben (2009, p. 28), isto é, “um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados”. Posteriormente, resultado da concepção de uma outra manifestação de leitura, que se faz num processo complexo de mediação entre o nosso pensamento e suas marcas, com os artefatos de uma dada cultura.

É palavra de ordem dizer que vivemos em uma época complexa. E essa complexidade se dá pelo dismantelamento das metanarrativas e de certos centros (religiosos, políticos etc.) que ordenavam o mundo (VATTIMO, 1991). O que hoje se presentifica como contemporâneo surge embaralhado por centenas de códigos que proliferaram na modernidade como fluxos envoltos em inúmeras formas de linguagens. E essas formas, ao "rechaçar as tiranias das totalidades" (PICÓ, 1998, p. 105), aparentemente nos deixaram sem códigos-referências, a não ser a velha noção de sobrevivência.

Sem os velhos referenciais (porque não desejamos mais usá-los), deparamo-nos com a difícil arte de ler este mundo. E de lê-lo, mais especificamente, a partir das obras literárias, esses artefatos de leitura que se confundem com tantas outras fontes. Os programas de leitura das obras clássicas ou a energia dos *Bildungsroman* já não fornecem mais as bases para se interpretar/construir o mundo. Eles continuam balizando sentido, sem dúvida, mas agora como algo pequeno, uma vez que se mostram incapazes de dar razão ao todo.

Assim, conhecendo um mundo que se reduz à experiência da verdade como retórica e estética (VATTIMO, 1996), vemo-nos plugados numa realidade aparentemente sem essências ou finalidade, que se justifica na



contingência. É nesse ambiente, da vida expurgada de seus velhos sintomas, que emerge a questão da leitura. Leitura como imaginação que compõe e/ou decompõe o mundo tornado ficção, textualidade: "modo de criação do mundo" (ISER, 2002, p. 106), peça literária que pretende pensá-lo para extrair um ou mais sentidos, ou mesmo afirmar sua ausência de sentido.

Pode parecer que o momento atual é o do triunfo de um mundo supostamente não-discursivo que – por se dar tanto a ver – estaria ameaçado pela ausência do literário, do filosófico, do não pensado. No entanto, ocorre justamente o contrário, uma proliferação de produções que impede qualquer ajuste ou síntese do mundo supostamente representado.

Matéria de leitura

O mundo é, antes de qualquer coisa, nossa primeira matéria de leitura. É-se humano por este ato, o ato de ler. Não à toa, Paulo Freire (1989) compreende a leitura da palavra escrita como continuidade da leitura de mundo, portanto subordinada a ele. E essa leitura pode celebrar tanto a naturalização como a artificialização do mundo. No primeiro caso, quando se elege fundamentos últimos para a vida; no segundo, quando se admite que o acaso e as convenções movimentam o mundo, não passando a linguagem de mero exercício de retórica. Exercício que não se exaure de tentar propor ao mundo uma dada leitura/sentido. Assim, a linguagem passa a operar enredada nos gêneros, seja ele teatral – a comédia, o drama, a tragédia; seja narrativo – epopeia, épico, toda expressão do romance, a novela, o conto; seja poético – com suas variadas formas etc. E, por meio dessas tentativas de sentido, tenta-se também se esquivar da força que o acaso teria no questionamento dos nossos propósitos de sentido: tanto a vida quanto o mundo parecem indiferentes a esses propósitos.

Por isso é tão difícil ler! Ler, neste caso, não o mundo em si – que não nos é dado conhecer –, mas o mundo feito linguagem, então recriado como espetáculo de uma técnica: da escrita mesclada ao furor de quem escreve. E é

difícil, porque o mundo se constrói sobre repetições de leitura, a partir de leituras que pouco variam no tempo. Leituras que procuram manter-se sempre as mesmas, numa espécie de composição-manutenção-entendimento-correspondência de um dado espírito de uma cultura, de onde vão sair os nervos ou suportes de reconhecimento dessa cultura, que simula o *ethos* de um povo.

O que fazemos a cada dia é escrever e ler, falar e escutar. A partir disto, poderíamos dizer que o conformismo linguístico está na base de todo conformismo, e que falar como Deus manda, escrever como Deus manda e ler como Deus manda, ao mesmo tempo, é pensar como Deus manda. Também poderíamos dizer que não há revolta intelectual que não seja também, de alguma forma, uma revolta linguística, uma revolta no modo de nos relacionarmos com a linguagem e com o que ela nomeia. Ou seja, que não há modo de "pensar de outro modo" que não seja, também, "ler de outro modo" e "escrever de outro modo" (LARROSA, 2003, p. 2).

Portanto, o mundo – sua gramática ou paisagem – guarda o ritmo, o canto, as teses ou os modelos de nossos jogos de leitura. E por mais que certos ruídos procurem desqualificá-lo, entabulá-lo como decadente ou ordená-lo sob certos princípios, a despeito dessas graças teóricas, ele segue a largo, impassível, cobrindo-se com todos os olhos e todas as línguas, dando voz a todos, ainda que não afetado por ninguém. De fato, nada tem efeito sobre o mundo.

No entanto, não é difícil encontrar escritores, leitores e mesmo obras (expressas como teorias) desejando encontrar, ou afirmando ter encontrado, a chave do mundo. Em algumas épocas, algumas correntes e suas obras tiveram, efetivamente, a chave deste mundo e abriram sua máquina, no afã de esmiuçar seu funcionamento, mas o tempo passou e as leituras se viram obrigadas a se desfazer de certos bens simbólicos e eleger outros. Nesse sentido, é didática a releitura que Carlos Drummond de Andrade (2002) faz da máquina do mundo camoniana. Enquanto esta tinha voz e prognosticava o futuro, espelhando uma certa crença no domínio humano do mundo, o poeta brasileiro a ignora, passa por ela de cabeça baixa e descrente.



Seguindo o argumento de Alain Finkielkraut, é possível admitir que na pós-modernidade:

[...] o despotismo foi vencido, mas não o obscurantismo. As tradições estão sem poder, mas a cultura também [...] os indivíduos não estão mais privados de conhecimento... mas que conhecimento conhecem? [...] Ora, no momento em que a técnica, pela interposição da televisão e dos computadores, parece capaz de introduzir nos lares todos os saberes, a lógica do consumismo destrói a cultura. A palavra permanece esvaziada de toda ideia de formação, de abertura ao mundo e de cuidado da alma. Doravante, é o princípio de prazer – forma pós-moderna do interesse particular – que rege a vida espiritual. Agora, não se trata mais de fazer dos homens sujeitos autônomos, trata-se de satisfazer seus desejos imediatos, de diverti-los pelo menor custo. (1988, p. 145-146)

Entretanto, com Finkielkraut, podemos ser tomados pela sensação de que fomos derrotados e de que a palavra, como ele mesmo diz, "permanece esvaziada de toda ideia de formação, de abertura ao mundo e de cuidado da alma" (p. 146). E que tudo, fruto da velha razão moderna, desapareceu. Mas este é o grande artifício, como blefe, que faz mover a cultura contemporânea com o seu mais forte emblema: a aparência de vazio ou, como quer Baudrillard (1990), de puro simulacro.

Diante desse universo, uma preocupação: o que deveria ser a nossa matéria de leitura? Ou seja, do que deveríamos partir para iniciarmos a "leitura" de um mundo que, por tão imenso, escapa-nos sempre? E já que ele escapa, devemos ficar na própria obra?

Sabemos que, desde sempre, somos guiados em nossas leituras. Nascemos empurrados para certos códigos, alfabetizados na leitura de certos experimentos, recusando uns e aceitando outros. É a história humana, comum a todas as culturas. O problema é o que se privilegia como matéria de leitura para compor um dado mundo e elegê-lo como sentido. São essas eleições que perfazem a própria história da literatura. Quando em uma certa época homens notáveis distinguem determinadas obras como canônicas, elevando-as como modelo, criam-se processos para conceber e reproduzir uma dada narrativa como critério de juízo para o belo, o bem, o mal, o feio etc. Por essa prática –



critério de autoridade –, resultado de uma sociedade submetida a amplos critérios hierárquicos, e na impossibilidade de se ultrapassar certos valores, erigia-se como legítimo um dado acordo estético, cuja autoridade penetrava onde a alta cultura se reproduzia e, também, onde uma suposta *baixa imaginação* deveria permanecer e aprender a repetir certos valores.

Nesse momento, em que não se vivia a saturação dos sentidos, o preço era o de se submeter ao domínio de uma ou duas linguagens. Nesse caso, uma única paisagem de leitura e, conseqüentemente, um único aparato de boas referências para explicitar o mundo. Este aparato? Novamente: as boas obras e os bons escritores/artistas, os únicos capazes de honrar determinada cultura e de afirmar o que dela deveria ter estabelecido como referência a ser cultivada.

Tal quadro pressupõe um tipo de atmosfera. Uma atmosfera que provém dos detritos de algumas histórias muito bem escolhidas, equilibrando uma realidade, amontoando códigos, aproximando identidades e, mesmo, o sentido do que é a pertença. Atmosfera de controle e proteção.

Uma atmosfera – como paisagem – sempre traz a ideia de proteção. Por isso, a importância de uma dada ordem de leitura. Ao olharmos para um passado não muito distante, constatamos que poucos liam; poucos eram tradutores; poucos eram capazes de levar a maioria a se entregar a uma criação que não era sua. E a razão gira em torno das forças instituídas que regulavam determinados programas, certas condutas e visões. Na fábula moderna, por mais que houvesse histórias libertárias, o que vigorava e dava estabilidade a esse modelo provinha de seus velhos contos morais.

Não é à toa que os sonhos juvenis, que antes gravitavam em torno de Whitman, Bakunin ou mesmo Sartre, cediam silenciosamente à lógica do cotidiano, sempre impressionantemente crua, envolta pelas regras do mercado. Por essa lógica, uma dada matéria de leitura repetia diariamente um certo princípio de verdade, ordenando toda uma série de acontecimentos.

Entretanto, essa lógica mudou. E, com ela, a sua matéria de leitura. E de uma história unitária, modelo para o crescimento humano ou para a sua emancipação progressiva, tocamos, agora, numa matéria que se funda no



mundo “como ele é”, alheio às nossas interpretações e sempre resultado delas. Um mundo sobre o qual hoje é possível afirmar:

É do sucesso que se desconfia, mais que do fracasso: uma montagem bem-sucedida sendo a seus olhos simultaneamente inútil e empobrecedora. Inútil: para o pensador trágico, o estágio primeiro do que existe subsistirá através de suas diferentes metamorfoses e transfigurações, que não farão senão transformar o acaso de fato em acaso de fabricação. Empobrecimento, pois há mais acaso na inorganização própria “do que existe” que em todo acaso organizado (ROSSET, 1989, p. 64).

O reconhecimento de uma paisagem como convenção e não mais como verdade abre o mundo para todo tipo de interpelação. E percebendo a fragilidade das representações – de progresso, crescimento e ordem –, outras matérias aparecem na contemporaneidade para constituir o saber e expressar outra realidade. Assim, desconstrói-se uma paisagem que era supostamente legítima, projetando outras tantas possibilidades para o que pode expressar qualquer forma de organização, porque abrange todas¹.

E com tantos reais, mesmo não acreditando em nenhum, o sujeito contemporâneo precisa, para se manter num certo lugar e sentir um certo pertencimento, fechar com um discurso e com certos valores. Fechar, à moda pós-moderna, procurando escapar, sempre que possível, de falar – e falar seriamente – da matéria que finge acreditar ou seguir. E o mais impressionante é que, por essa matéria, toda leitura chega mascarada, com uma outra taxa de crítica, plenamente grudada ao acontecimento, ao que se vive diariamente, sem grandes cultos ou ideais.

O ideal dessa nova matéria de leitura? Saber o que se tem para viver no agora, sem exigências de modelos íntegros, sem correspondência com heróis ou com performances religiosas. A única grande exigência? A atenção para

¹ Pode ser a supermodernidade (de Marc Augé, 1994); o i-mundo (de Mattei, 2002); a Hiperrealidade (de Featherstone, 1995); o Fractal (de Baudrillard, 1990); a transparência (de Vattimo, 1996); a era do vazio (de Lypovetsky, 1989); o pastiche (para Jameson, 2002); o pós-moderno (de Lyotard, 2009); o líquido (de Bauman, 2001); o trágico (de Rosset, 1989) etc.



com a pluralidade das linguagens e, portanto, com os vários papéis que o sujeito é levado a desempenhar.

Da fractalização da leitura

Tratada a questão da matéria de leitura – que se apresenta como mundo e agencia as outras leituras, sempre menores –, é o momento de tratar da leitura em relação à obra literária, enquanto um exercício que procura uma forma para o mundo e, ao mesmo tempo, é estranha a essa mesma forma.

Hoje, já não se pergunta por uma razão totalizante. Pergunta-se, incessantemente, por algo que possa servir como um suporte entre a aparente perda de sentido e nossa agoridade. E se neste momento o grande modelo é o da desconstrução ou de uma simples ruptura com o pensamento representativo e com o terrorismo do signo e do significado, nunca, no entanto, tantos signos e tantos significados foram partilhados.

É neste contexto que situamos a leitura e, conseqüentemente, a literatura. Num contexto em que não se fala mais em um mundo de verdade única, mas em uma sociedade integrada a uma paisagem que a priva de sentido e lhe entrega todos os sentidos. Neste caso, em uma sociedade ou paisagem marcada pela explosão de tudo e, portanto, pela presença do excesso de linguagens, modos, maneiras etc. Um contexto em que os movimentos que geravam as condições para legitimar os saberes e as ações modernas conseguiram alcançar os seus fins. O pensamento, por tanto apego à razão, dissolveu-se na própria razão, acabando por negar a sua mais cara subjetividade: o sujeito. E essa negação cobra seu preço.

Escolhendo alcançar o real em todas as suas extensões, o homem moderno aprendeu que a modalidade sujeito, efeito de uma lógica histórica, obrigava-o a se submeter a certos fins e a considerar certas formas de recepção, não todas. Neste caso, havia limites para sua ação. Foi então que percebeu que precisava sair dessa modalidade de sujeito e se soltar. E foi o que fez: saiu de um certo lugar, rejeitou um espírito/emblema e, como



artifício, apresentou-se solto, sem a carga moral que o prendia a um tipo de cultura. O espírito humano rearranjava-se para prestar contas a uma humanidade que cobiçava afastar-se de uma moral severa, para se aproximar do prazer, qualquer prazer, mesmo que sem propósito.

A essas mudanças seguiu-se que, "na política, o poder se dissolveu em simulacro; na epistemologia, deu-se a dissolução da verdade no texto ou a negação da realidade no processo interminável da interpretação" (BALLESTEROS, 1990, p. 86), e isso acabou colocando em movimento um espetáculo escrachado, que não se regulava por um ou mais centros, mas que se dispersava em tudo, fortalecendo as pequenas ações e favorecendo o gigantismo do que era pequeno, na multiplicação de suas ações. E isso, em todas as esferas.

No campo literário – nosso objeto aqui –, principalmente no aspecto de sua reprodução/transmissão, seus efeitos só se estenderam. Como afirma Moisés, em relação ao prestígio da literatura,

No século 20, esse prestígio cultural e social da literatura foi declinando. Numa sociedade dominada pela tecnologia e pela economia de mercado, a instituição literária sofreu um rebaixamento. Os economistas passaram a vê-la como um supérfluo com pouco (embora não desprezível) valor mercadológico; os gerenciadores do ensino, como perfumaria sem utilidade na vida profissional futura dos ensinados (MOISÉS, 2000, p. 11).

Isto realmente aconteceu? Em parte sim. Às mudanças sempre correspondem novos critérios valorativos. E se antes havia uma ordem implícita para as nossas ações, essa ordem tende a se modificar. Mas nem tudo se perde; modifica-se. E o rebaixamento da literatura não implica em seu silêncio, mas no seu deslocamento de um centro e, como centro, para localizar-se em pequenos grupos. Como característica, a literatura – no passado – estreitava percepções, definia um mundo de expectativas, apresentava e formava um tipo de sujeito. E ao pensar um mundo, propunha uma série de histórias que lhe asseguravam um discurso. E é até plausível

admitir que este tipo de literatura não existe mais. Mas não é bem assim. E não é à toa, como diz Chartier, que ainda?

Somos dependentes de leitura intensiva e de seus fins. Desejamos a eficácia, fórmulas morais ou estéticas para abrilhantar modelos e nos assegurar alguma orientação/desculpa para nossas vidas. E se praticamos a leitura extensiva, isso não quer dizer que adotamos os seus modos, porque, mesmo que ocorra isoladamente, ela se dá na perspectiva do desejo pela eficácia do texto. E se ainda podemos encontrar protocolos de leitura, por aqui eles não variam tanto, ainda demasiadamente tradicionais. Ou seja: praticamos uma e desejamos a outra. (2002, p. 86)

Com a fractalização do mundo tudo passou ao excesso (BAUDRILLARD, 1990, p. 9-19). E quando dizemos tudo, é porque nada se salvou: na política, na família, no sexo, na mídia, quanto aos sentidos, a verdade, a moral, a ciência, deus etc. E não se salvar não implica em admitir que perdemos o rumo, mas que estamos diante de um-algo-outro do mesmo, que nos confronta com a visibilidade de tudo, e é isso que expõe nossa insatisfação. Sem auras, vemo-nos pobres, originariamente fúteis. E ter sentido que a aparência do mundo mudou e, com ela, que o sujeito assumiu outro lugar, causa-nos, ainda, grande confusão. Movimentar-se num ambiente aberto, que não esconde a baixeza humana, parece nos privar de algumas ações. Ações que nada se conformariam com uma lógica que induz o sujeito a reencontrar-se com uma paisagem já decifrada desde sempre, por isso, sem utopias, sem alternativas para gerar expectativas morais apropriadas – enquanto perspectiva para uma vida em *commune*.

Nessa paisagem, o mundo editorial e seus fantoches – os escritores – também aparecem. E aparecem associados a um sistema impiedoso, cujo trabalho procura garantir altos lucros, articulando consumo e boa leitura. É aqui que vamos nos deter: na ideia do que é uma boa leitura num mundo fractalizado.



Alguma coisa pode ser boa num mundo assim? Pode, pois nada, efetivamente, desapareceu. Tudo está lado a lado, cruzando informações e assegurando o seu lugar – mais que efêmero – nessa fragmentação.

E com a literatura, um dos tantos campos da produção e do consumo atuais, não é diferente. Não se distancia de nenhum outro negócio, porque também deseja a glória ou o sentimento de excelência. De uma excelência que responde às regras quantitativas, não qualitativas; porque agora o que conta é o montante disperso pelo mercado. E neste mercado fractalizado, que aceita tudo em seu ventre, a literatura dialoga com todos os motivos, personagens e histórias. E atirando para todo lado consegue chegar em quase todos os circuitos, atingindo os mais variados públicos. Fala todas as línguas, povoa todo tipo de sonho, repercute os temas mais obtusos e, por falar tudo, e por isso, deixa-se como se não tivesse importância e não ressoasse mais.

No entanto, não é exatamente assim que se passa. No mundo fractalizado, a literatura, como afirma Moisés (2000, p. 13), citando o inglês Peter Widdowson,

Permanece sendo um componente tão crucial da atividade e da experiência humanas que deve ser resgatada por ela mesma, ser re-acreditada, em vez de ser subsumida de maneira envergonhada, como tem sido o caso recentemente, sob os conceitos gerais de escrita, retórica, discurso e produção cultural. [E a autora continua:] Os argumentos de Widdowson são finalmente semelhantes aos dos "velhos" Kermode e Alter: a literatura dá conhecimento, aguça a visão do real, exerce uma função crítica e utópica (no sentido de explorar os possíveis) e, *last but no least*, dá prazer. E tudo isso de um modo específico, que não é estudável apenas pelo ângulo da ideologia.

Ou seja, nenhuma morte pode ser detectada na esfera da fractalização. E quanto à expressão literária, nem o clássico ou o canônico, nem o maldito, o massificado ou o que pode ser taxado como vulgar, perdem-se. Todas as obras falam, têm seu público, encontram o seu sítio e sua *fratria*. E muito mais do que antes, sobrevivem... num outro lugar, agora descentrado.

A difícil arte de ler

Diz-se que a leitura é para todo mundo. Mas o que é todo mundo? E, também, o que é ler ou, como já problematizamos, de qual material de leitura tratamos? E se pensarmos exclusivamente num país como o Brasil, esse tema e essas questões tornam-se ainda mais específicos.

Não se pode precisar onde nasce o leitor e, obviamente, o seu amor pela leitura, pela literatura. É claro que num processo escolar normal, em que se tem uma iniciação aos segredos da leitura, essa aproximação ganha fôlego. Fora dela, qualquer sujeito está à mercê de sua própria sorte, das intenções de sua carne/instinto e, portanto, de um gosto que não se sabe de onde vem.

Abandonados à sua própria sorte – o que entre nós brasileiros não significa muita coisa –, boa parte da população brasileira vive à margem de qualquer formação um pouco mais aperfeiçoada. Esse aprimoramento? O simples apuro de se ter a aproximação com a arte de nossa língua, de nossa literatura, de nossa cultura e história etc. Longe desse processo e, portanto, longe de reconhecer valor nessas artes, a maioria de nós não lê. E isto não é uma característica exclusiva da contemporaneidade, sempre foi assim. Entretanto, se de um lado a leitura/literatura não é para todos, por outro também não se pode dizer que ninguém lê. Pois os tempos registram a existência constante de um público leitor, uma elite leitora. Por isso relativizamos a constatação de Todorov (2010, p. 8) de que "o perigo que hoje ronda a literatura é o de não ter poder algum, o de não mais participar da formação cultural do indivíduo, do cidadão".

No geral, a literatura sempre fez parte da formação de um público muito específico, de uma minoria. No entanto, num passado não muito distante, a literatura não se separava do ideal de uma *Aufklärung*, do *bildungsroman*. Parecia tocar a todos e mediar a formação de um sujeito e de uma cultura a ser manifesta por ele. Concentrada na mão de poucos, a maioria se subordinava a esses sujeitos leitores – especialistas – e seus valores e modas.

No Brasil, a maioria constituída por mestiços, negros, índios e brancos pobres aprenderá a ler, e muito bem, a primeira matéria de leitura: a sua



realidade, o seu mundo. E isso, sem sofisticação, ou seja, reduzido ao mínimo das ações humanas, não atingindo certos mecanismos de uma estrutura altamente sofisticada. Então, a dificuldade dessa maioria para compreender o que é seu de direito, para reconhecer seu lugar e por que se condiciona ali, para reconhecer os jogos de poder e os signos que alimentam a sua própria reprodução enquanto grupo chinfrim e, de um outro lado, que serve a uma elite façanhuda etc. (RIBEIRO, 1986).

Mas nem por isso e com todas as transformações contemporâneas – pós-modernas – a literatura perdeu seu poder. Ainda é um instrumento de diferenciação. Tratar com Guimarães Rosa, com James Joyce, com as obras completas de Goethe ou Dostoievski ou Tolstoi ou Zola ou Proust etc., não é algo comum. Como nunca foi. Essas obras exigem iniciação, metodologia, conhecimento de uma ampla gramática, uma intensidade cultural. E isto sempre foi a prerrogativa de um grupo, não da maioria. E esse grupo, que não é tão pequeno assim, continua leitor, continua a se alimentar de uma dada linguagem e a se expor através dela.

A questão, olhando para Todorov e a literatura, é que hoje, por tanto excesso de linguagens e mídias, parece que a literatura não tem mais lugar ou exerce qualquer fim. Mas, e aqui não é só um equívoco de Todorov, mas de muitos outros pensadores, o não reconhecimento de que na supermodernidade (AUGÉ, 1994) a coisa toda adquiriu um outro ritmo, não para anunciar seu fim, mas para ganhar um outro tipo de intensidade. E é aí, ainda preso aos valores de uma cultura da alta modernidade, que se vê ou se pressente a decadência. Mas, não há decadência. Há, isto sim, uma outra forma de operar o mundo e, aqui, da própria literatura e de todas as outras artes.

Observando o presente como mais um instante em que a soma dos acontecimentos de um século parece descrever só mais uma história e não o caos, é possível manter-se afastado desse frenesi que luta por dar o presente como vazio, como perdido ou decadente. Não é tão difícil perceber, para quem não se distanciou da observação histórica, que tudo isso sempre vem à tona no início ou no fim dos

séculos. É humano – e por isso nada sensato – desesperar-se após uma breve revisão daquilo que se fez durante cem anos, como ocorreu com a Geração de 98, um grupo de escritores, ensaístas e poetas espanhóis conservadores, que receberam com certo grau de angústia as transformações que se processavam no final do século XIX e início do XX. Cem anos acumulam desastres em excesso. E sempre, por nossa insensatez – muito mais acadêmica do que do homem comum – desejamos encerrar ciclos, parar histórias, esperando celebrar rupturas ou alguma ideia de melhoria, quando nada muda, a não ser a nossa obrigação de pensar a necessidade do novo, de se mostrar sempre novo ou diferente.

Em meio a esta confusão, e principalmente em função do aparecimento da mídia como elemento formador da cultura, tem-se a sensação de que nada mais forma ou nada mais “instrui”, que já não é mais possível gerar um tipo de sujeito que se espera.

Cinema, arte performática, música, propagandas, panfletos, ruídos, cultura massificada, cultura erudita, tudo isso desdobrando-se uma nas outras e repercutindo como algo diferente – tudo isso forma. Não na perspectiva que os sonhadores de hoje, formados numa economia simbólica de antes, aguardam, esperam. E é problemático perceber que esse sonhador simplesmente se nega a ver o que sabe que vê, porque ele teima em não admitir uma estética dura, fria, sem razão aparente. As razões estão aí... E como Antônio Candido (2002, p. 82), em relação ao que ocorria na década de 70, que sustentava que "os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuam tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente", nos dias de hoje, e ainda sob o reflexo de um amplo refinamento dessas mídias, elas exercem um poder muito mais decisivo sobre a orientação/sugestão de uma maioria, no que se refere ao seu gosto e práticas estéticas.

É nesse território, pleno de tudo, que a literatura se assenta, reinventando-se com mais cores, com outras brochuras, com uma arte requintada, com a utilização e a reescritura/reeleitura de velhos mitos etc. Fim ou morte da arte de ler? Não nos parece. Só um outro momento. E neste



momento, em que o cotidiano nos coloca em extrema aflição por conta do superdimensionamento do valor do trabalho e das prerrogativas do mercado, nossa preocupação – para quem vive esse processo – refere-se muito mais à forma de como podemos adaptar as exigências de nosso tempo às exigências da prática de leitura, já que ela parece exigir um tempo que vai na contramão desse tempo pós-moderno. E é aqui, nessa contramão, que compreendemos a maior possibilidade de conservação dessa prática: a de nos possibilitar parar. E parar, não para passar à comutação incessante de linguagens, de outras linguagens, mas para passar à nossa própria linguagem, própria de um sujeito, sob o reflexo intimista de uma outra, transformada em nossa, já que adquirida, já que viva pelos (e com os) signos de um sujeito leitor, que lhe dá vida. E essa prática, de um retorno a si mesmo, vem ocorrendo nas periferias das grandes cidades, com a criação de centros de cultura e de poesia por grupos e sujeitos locais. Como exemplo, a Cooperifa, a 1Dasul, o Bar do Santista, em Pirituba, bairro de São Paulo e tantos outros espalhados pelas periferias das grandes cidades brasileiras.

A difícil arte de ler? Essa questão sempre se mantém. E pode-se até consentir que a literatura perdeu hoje um pouco de sua suntuosidade e de seu esplendor. Perdeu, porque hoje pode-se (quase) tudo... Mas a literatura não perdeu (quase) nada. Aqueles que a veem como menor, eram os mesmos que antes a viam assim. Os que a valorizam, são os mesmos de antes. Hoje, o que dizia a literatura antes, marcando atitudes ou exemplos no meio jurídico, moral, religioso, doméstico, estético etc. é dito por outros instrumentos midiáticos. Mas, pela literatura, ainda se diz tudo e, por toda abertura contemporânea, muito mais. Ainda é difícil ler? Sempre será. Mas assim como antes, existe público para todo tipo de história. É verdade que ainda se lamenta que boa parte dos *gênios* da literatura não são lidos pelo grande público, mas é lamento dissimulado, já que essa mesma elite façanhuda teima em manter essas fontes para seus seletos filhos esbranquiçados. Num sistema escolar como o brasileiro, que “consagra a distribuição desigual dos benefícios educativos como resultado natural de um mercado que premia e castiga aos

indivíduos em virtude de seus supostos méritos cognitivos” (GENTILI, 2009, p. 30), só por sorte ou birra se consegue, quando se é pobre, atingir uma prática e um gosto literário que permita transitar entre os Joyces, Prousts, Rosas e Machados.

Considerações finais

Nosso tempo exige de nós uma leitura acurada sobre as mudanças que nos trouxeram até aqui e o que elas significam. Velhos valores se diluem, perdem a centralidade, mas com eles se vão também certos comportamentos arrogantes e elitistas. Hoje o cenário privilegia a performance de um sujeito cuja habilidade se reduz unicamente à esfera do mercado. Não é que o respeito à aquisição de um certo saber ou do aprendizado de certa cultura ou a capacidade de formular um tipo de comentário perderam o valor. É que tudo isso passou a ser enquadrado num mesmo rótulo ou a ser gerado a partir de uma única questão: o que disso pode ser assegurado?

No mundo de cultura massificada, a arte de ler parece estreitar-se. Mas o que se percebe é que a leitura vem se tornando imperiosa num mundo de comunicação generalizada, que torna ininterrupta a frequência de signos e imagens que explodem por todo lado ou, mesmo, pelo ritmo de vozes que teimam em não se calar – em celulares, redes sociais, *what'sapps*. Deparamo-nos com um sério problema: de que leitura falamos? No fundo, e essa pergunta é uma pergunta que envolve preponderantemente o meio acadêmico, ela não interessa. O que interessa é fazer com que o sujeito, qualquer um, mesmo que um pobre coitado – pensando aqui nos 40 milhões de brasileiros que ganham pouco mais de um salário mínimo por mês –, aprenda o mínimo para ler o seu mundo e o de seu empregador, para que ele, ao se conectar com uma dada cultura se aproxime das instâncias que vão torná-lo verdadeiramente sujeito e, logo, membro de uma dada conformação cultural. É a questão da leitura de mundo, tal qual posta por Freire (1989).



É nessa paisagem que vamos encontrar esse sujeito aprendendo o mínimo de algumas leituras, mesmo que intuitivamente. Um bom exemplo: a linguagem de um celular. Assim, ler não é mais tratar do sagrado, como referência a certas obras, e muito menos se fechar em salões, museus ou em saraus e destilar possíveis sentidos metafísicos para certas obras. Ler, na esfera pós-moderna, é tecer contexturas, é estabelecer significados práticos, dotando a si mesmo de algum conteúdo para melhorar a sua ação numa dada peleja. E a ação – nós aprendemos nestas três últimas décadas – só terá efeito se trazer/assegurar algum ganho, algum conforto e, por isso, implicar na geração de frutos, no sentido de que algum proveito possa ser assegurado e que esse saldo tenha o aval da própria paisagem/jogo que foi construída pela lógica dessa leitura. Essa lógica? Que tudo se conecte e que, mesmo somadas todas as diferenças, que elas carreguem o emblema dessa nova lógica, na qual o aparecer e o brilho são superiores ao ser, sintoma agora de um tipo velho de heroísmo.

E o mais saboroso de tudo isso é que, à virulência do sistema econômico, seguiu-se o seu equivalente na cultura; ou seja, que o sistema neoliberal não se fez exclusivamente para e com o mercado de resíduos de bens materiais, mas, e necessariamente, de matéria simbólica. Uma matéria que subverteu velhas referências e acabou por elaborar um complexo aparato representativo, que entabulou no pensamento de um sujeito centrado o desejo de se ver e de se surpreender como descentrado, como sujeito de um *domus*-pequeno, como algo adiante de si mesmo e, portanto, como alguém habilitado para blefar sobre todas as posições.

O contemporâneo se configura, portanto, como jogo. Um jogo em que as cartas parecem outras e que as velhas regras, mesmo que entendidas, pedem outras respostas. Nessas respostas, encontramos um tipo de interrogação cuja resposta sabemos de antemão. Por isso, dependendo do círculo e de suas exigências, ou seja, do lugar, o sujeito posicionará sua leitura. Será o que tiver que ser, evitando posicionar-se com seriedade. Joga-se o jogo da heteronímia, tal qual Fernando Pessoa, sempre pronto a adaptar visões de mundo a

sensibilidades outras, que não as suas (mas quais eram as suas?), mas expressas por outra voz (ALMEIDA, 2011). Nesse jogo, o sujeito pode se dar ao luxo e ao blefe de dizer que ele pode ser tantos e tantos mais quantos desejar, adaptando sua resposta ou comportamento à lógica da circunstância, que acaba possibilitando-lhe fingir que não reconhece aquilo que uma dada leitura, com antecipação, afirma ser o necessário.

Nossa hipótese é que, lida de cima a baixo, tal paisagem responde ao desejo humano de se ver solto ou, se possível, de se ver capaz de blefar e blefar bem, sobre tudo o que pode diminuir esse desejo por abocanhar tudo (KODO, 2001). Ler é também morder, abrir, rasgar. Por isso, opta-se hoje por devorar leituras mais amenas, *cool*. E não se trata de afirmar que a vida exige mais agora; não é isso. É que de vez em quando ela teima em nos fazer correr muito rápido, em nos propor tudo, em nos desviar de um certo prumo. O prumo? Reconhecer a simplicidade dos jogos desse mundo. Reconhecer é, enfim, aprender a ler este mundo de forma passável, sem ousar transpassá-lo com essências ou categorizá-lo como excepcional. A simplicidade do mundo parece elevar nossa afetação. E ao contrário do que deveria nos impor, ou seja, a doçura, sua simplicidade nos conduz para uma estética caprichosa, cuja gramática vem rebuscada, muito mais artificial do que ela poderia mesmo sustentar. E é aí que nós nos encontramos novamente com problemas...

Por fim, em um mundo que despreza a ética e traz como sua maior tendência o mercado, e um mercado que preza tanto a qualidade de um produto como o seu contrário – desde que encontre, à sua frente, o consumidor –, todas as leituras serão válidas. Válidas, desde que conectadas à arte de uma paisagem que quer, com a soma de todas as suas práticas, situar um jogo com regras simples, onde todos possam entendê-lo e, por isso, jogá-lo.

Referências

ANDRADE, C. D. Claro Enigma. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.



AGAMBEN, G. **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, R de. **O Criador de Mitos: imaginário e educação em Fernando Pessoa**. São Paulo: Educ, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

BALLESTEROS, J. **Postmodernidad: decadencia o resistencia**. Madrid, Tecnos, 1990.

BAUDRILLARD, J. **A Transparência do Mal – Ensaios sobre os fenômenos extremos**. Campinas: Papirus, 1990.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANDIDO, A. **Textos de Intervenção**. Rio de Janeiro, Duas Cidades/Editora 34, 2002.

CHARTIER, R. (org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FINKIELKRAULT, A. **A derrota do pensamento**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GENTILI, P. Marchas y contramarchas. El derecho a la educación y las dinámicas de exclusión incluyente en América Latina (a sesenta años de la Declaración Universal de los Derechos Humanos). **Revista Iberoamericana de Educación**, 2009, n.o 49, pp.19-57.

ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, H. R. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2002.

KODO, L. L. **Blefe: o gozo pós-moderno**. São Paulo, Zouk, 2001.

LARROSA, J. **O ensaio e a escrita acadêmica**. Educação & Realidade, v.28, n.2, p. 101-115, 2003.



LIPOVETSKY, G. **A era do Vazio**. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.

LYOTARD, G. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MATTÉI, J.-F. **A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno**. São Paulo: Unesp, 2002.

MOISÉS, L. P. **Em defesa da literatura**. In: Folha de São Paulo - caderno Mais, 18.06.2000

PICÓ, J. **Modernidad y postmodernidad**. Madrid, Alianza Editorial, 1988.

RIBEIRO, D. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

ROSSET, C. **Lógica do pior**. Rio de Janeiro, Espaço tempo, 1989.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade - niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

Recebido em 15/03/2014.

Aceito em 08/09/2014.

Rogério de Almeida

Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Lidera o GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura) e é um dos coordenadores do Lab_Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura). Bacharel em Letras (1997) e Doutor em Educação (2005), ambos os títulos pela Universidade de São Paulo (USP). Trabalha com temas ligados à Filosofia Trágica, à Antropologia do Imaginário, ao Cinema e à Literatura como processo de formação. *Site*: www.rogerioa.com.

E-mail: rogerioa@usp.br

Louis José Pacheco de Oliveira

Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo, pela qual é mestre (1999). É professor Adjunto II da Universidade de Santo Amaro e pesquisador do GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura) da FEUSP. Atua nas áreas de Educação e Filosofia, com pesquisas sobre Pós-Modernidade, Teoria do Sujeito, Filosofia Trágica, Itinerários de Formação e Pedagogia da Escolha.

E-mail: jlpatche@yahoo.com.br